

## DA PELEJA DO DEMO CONTRA A POESIA

*e de como ele perdeu feio*



Cansado de ser assunto  
Na boca de cantador,  
O Capeta, em pessoa,  
Veio mostrar seu valor.  
Imaginou que podia  
Se meter com poesia,  
Entrar e sair sem dor.

Poesia era uma moça  
De aparência inocente  
Com seios irresistíveis  
E língua incandescente.  
Mentia com tanta fé  
Que dentro de si até  
Cria ela piamente.

Mas mentir era pro Cão  
Sua especialidade;

Se o negócio era inventar  
Ou faltar com a verdade,  
Nada havia neste mundo,  
Nem pra riba nem pro fundo,  
Frente à sua enormidade.

Foi pensando desse jeito,  
Nos tufos de grande vate,  
Que aportou em Nova Grécia,  
A cidade do combate.  
Poesia ali morava,  
Um sítio de gente brava,  
Onde verso era arremate.

Dos cantores do lugar,  
Era Homero o mais falado,  
Pois, sozinho, numa feira,  
Derrotou foi um bocado.  
O Demo sabia disso,  
Que o tal tinha um feitiço  
Pra não deixar ser dobrado.

A mágica de Homero,  
Que todo poeta usa,  
É cantar com sentimento,  
Pensando sempre na Musa.  
Essa nova personagem,  
Que surge assim de passagem,  
É coisa um pouco confusa.

É a mãe de Poesia  
Mas mãe de um jeito engraçado:  
Nunca aparece na hora  
Que o pai tá mais precisado;  
Só quer transar no banheiro

Ou debaixo do chuveiro  
Quando nada é registrado.

Mas voltemos pra história  
Que o Demônio tá arisco,  
Já pegou dez violeiros  
E enfiou um obelisco.  
Bateu tanto em Juvenal,  
O pobre ficou tão mal  
Que a sobra virou petisco.

E assim muitos outros foram  
Na lábia do Satanás,  
Perdendo pro Mentiroso  
Que, nisto, é mais capaz.  
Foi gente perdendo a alma,  
Foi santo perdendo a calma,  
Donzela levando atrás.

A vez de Homero chegou  
E bem que ele resistiu,  
Mas o Grande Malcheiroso  
Armara bem o fuzil:  
Disse que Musa morrera  
E desse nariz-de-cera  
Uma história construiu.

O poeta apavorado,  
Achando-se só no mundo  
Acreditou na lorota  
E perdeu pro Vagabundo.  
“Vitória! Vitória minha!”  
era o grito do Fuinha  
“Não há lugar pra segundo!”

Até que veio a menina,  
Filha da Musa já citada,  
Chamar o Cão para a briga  
E rimar trama inventada.  
Veio em socorro de Homero,  
Amor secreto e sincero,  
Que jazia numa estrada.

Nunca pôde confessar  
Seu amor pelo poeta  
Pois sabia que a mãe  
Já o tinha na seleta.  
Restava o gosto platão,  
Tratá-lo como um irmão,  
Olhá-lo como um atleta.

O Chifrudo já contente  
Com o tanto arrecadado,  
Não queria alma nova  
De brotinho não-provado.  
E disse: “vai-te menina,  
Segue, busca tua sina,  
Melhora teu reboldado!”

“Quero cantar”, disse a jovem,  
“Em troca das almas todas;  
A matéria lhe interessa:  
Vou falar das minhas Bodas.  
Desejo-te um bom terno,  
Suportarei o inferno,  
Querendo que tu me fudas”

O Demônio, curioso,  
Resolveu entrar no jogo:  
Pedi que ela provasse  
Que havia estado no fogo.

Qualquer resposta que desse,  
Fosse praga, fosse prece,  
Ganharia o Demagogo.

Poesia abriu a blusa,  
Descreveu-lhe o coração;  
Disse a ele que ardia  
Na mais horrível paixão.  
Seu marido, seu amor  
Era de fato o senhor  
Com quem pelejava então.

Sem poder negar ser lindo  
Ou ainda irresistível,  
O Cramunhão se quedou  
Ao argumento plausível:  
“Talvez o casório não,  
Mas eu vi o coração!  
— Quente, pulsante, sensível”

Porém era fingimento;  
Era Homero seu amor.  
E o Demônio, como bobo,  
Embarcou naquele andor.  
Quando afinal entendeu,  
O combate ele perdeu  
E o ar de professor.

Voltou lá pras profundezas  
Derrotado outra vez,  
Com a mente torturada  
Pela cena de nudez:  
“Como pode alguém mentir  
sobre os pregos do faquir  
cravados fundo na tez?”

*José Mucinho*